

----- Tradução dos Clássicos -----

Por que a burguesia precisa se desesperar?¹

György Lukács

Tradução: Alexandre Aranha Arbia²

A ideologia tradicional, habitual, de defesa da burguesia é a idealização: sob uma forma ideal e artística, desaparecem as oposições brutais, os horrores criados pela sociedade capitalista. É assim que, após mais de um século, toda a ciência e a arte são baseadas na apologia, a começar pela filosofia acadêmica. Essa orientação atingiu sua forma mais grosseira nos filmes hollywoodianos; mas, muitas vezes, a filosofia professoral nada mais é do que um filme com um happy end, sob uma forma conceitual.

Frente a assustadora realidade das últimas décadas, a idealização pura revelou-se, portanto, muito fraca, ineficaz. Pelo menos nas esferas de reflexão da intelectualidade burguesa, fechar os olhos aos chocantes fatos da vida social, apagando-os por meios simples, tornou-se impossível.

Em tais circunstâncias, então, qual é a dificuldade para a ideologia apologética burguesa? É a expressão dos fatos no pensamento. Este mundo, que a ideologia burguesa ordinária tende a representar como um todo harmonioso, apresenta-se aos homens como um caos assustador e absurdo. Procura fazê-los engolir um mal-estar, neles presente, de sentimentos invasivos, às vezes, como o início de uma contradição, como o início de uma revolta contra o mundo imperialista. Existe então um perigo ameaçador, o da fração pensante da intelectualidade aderir ao socialismo.

¹ O ensaio é de 1948 e foi publicado com o título original de “Wozu braucht die Bourgeoisie dieVerzweiflung?”, em 1951, na revista Sinn und Form, nº 4, pp. 66-69 e, em 1956, na coleção Schicksalswende, Beiträge zu einer neuen deutschen Ideologie, Berlim, Aufbau Verlag, 1956, pp. 151-154. Para esta tradução, utilizamos a tradução italiana de Antonino Infranca, “Perché la borghesia há bisogno della disperazione?”, contida no volume Dialettica e Irrazionalismo – saggi 1932-1970. Milão, Edizioni Punto Rosso, 2020, pp. 122-126. Disponível também em <https://gyorgylukacs.wordpress.com/>.

² Professor da Faculdade de Serviço Social da UFJF e prof. colaborador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da mesma instituição.

Uma nova linha de defesa é então necessária. A filosofia de Nietzsche a forneceu no início dos anos noventa do século XIX, a de Spengler e seus acólitos durante a Primeira Guerra Mundial, da mesma forma que o existencialismo moderno, a semântica etc., após a Segunda Guerra Mundial.

Seria superficial pensar que a burguesia produziu essa filosofia para defesa própria. Não; estamos lidando aqui com uma visão de mundo nascida espontaneamente, de uma imagem que reflete diretamente a situação vivida pela intelectualidade na época do imperialismo. Vamos considerar essa situação! O ponto de partida é a insatisfação com relação ao sujeito do mundo circundante e o mal-estar, a indignação, o desespero, o niilismo, a ausência de perspectiva que surge dessa insatisfação. Nesse mundo distorcido, o indivíduo desesperado procura uma brecha individual, mas não a encontra. Ele não pode encontrá-la porque as questões sociais não podem ser resolvidas individualmente. Em consequência, um mundo vazio, sem propósito, desumano e absurdo se reflete nessas ideias. É daqui que ele tira suas conclusões, com cinismo ou desespero honesto.

Essas visões de mundo parecem, portanto, à primeira vista, expressar uma revolta ou, pelo menos, uma rejeição resoluta do mundo existente. Para que servem, então, essas visões de mundo, para a burguesia imperialista? Como ela pode explorá-las para seus objetivos? Como isso pode influenciá-los?

A utilidade manifesta-se, antes de tudo, no fato de que essa indignação, enquanto tateia e tenta, girando em círculos, uma saída individual, não pode se transformar em uma mudança na sociedade. Já o primeiro clássico do pessimismo, Schopenhauer, rejeitou de antemão todas as aspirações – desprezíveis a seus olhos – que se orientassem para uma transformação da sociedade. E, à sombra do princípio superior da filosofia heideggeriana e sartreana, o nada, ao lado da “superioridade” do niilismo que muda o mundo inteiro, toda reforma social “mesquinha”, “mediocre”, é reduzida aos olhos do mais jovem a uma total ausência de significado. Absurdamente, aquele que se volta para o destino é um filisteu passivo e paciente na vida.

Isso também é uma aquisição para a burguesia imperialista. A coisa vai, no entanto, ainda mais longe. O pessimismo torna-se logo autossatisfação. O pessimismo e o desespero aparecem como um comportamento “diferente” em relação ao “banal” otimismo, o mesmo que uma atitude reservada e “ofendida” em relação à ação “superficial”. No coração da crise social, à beira do abismo que ameaça engolir a sociedade burguesa, essa intelectualidade autossatisfeita segue sua vida filisteia sobre a base moral do pessimismo e do desespero. E dado que o imperialismo tolera esse comportamento “revolucionário”, até o apoia, naquilo que desperta

uma forte antipatia pela sociedade democrática ou mesmo socialista nascente, os quais exigem dos homens uma participação ativa. Isso gera a visão de mundo segundo a qual para a “civilização” – isto é, para a atitude pessimista de autossatisfação – esta sociedade, que lhe é subjacente, será mais favorável do que a sociedade progressista que exige participação ativa no trabalho da humanidade.

No entanto, este é apenas um ponto de acesso. O niilismo e a falta de perspectiva não querem e não podem dar à ação humana uma medida concreta, uma orientação resoluto. A visão de mundo que subtrai o comportamento individual das relações com a sociedade considera as resoluções individuais como perfeitamente injustificáveis e busca relações por caminhos errôneos, estradas falsas, onde não as encontra. A busca por relações “cósmicas” é, naturalmente, a estufa onde floresce a credulidade e a superstição. É assim que se tornam moda os novos destinos das novas superstições: o novo misticismo, a yoga, a astrologia. E aí, nessas aspirações modernas em matéria de visão de mundo, a política imperialista está ativamente implicada. E na propaganda do fascismo pode-se ver muito claramente. Isto é dirigido à credulidade, enrijecido na espera do milagre, no desespero pronto para tudo. Se a reivindicação da visão nacional-socialista do mundo conseguiu conquistar uma parte significativa da intelectualidade, é apenas porque Nietzsche e Spengler, Heidegger, Jaspers e Klages prepararam, na intelectualidade, o terreno para essa credulidade, sobre a qual essa ideologia, não obstante sua mediocridade, poderia exercer irresistivelmente sua eficácia, onde a passividade desesperada poderia se transformar em uma atividade fundada na credulidade, em uma cega obediência a todas as ordens do Führer. Hitler foi derrubado, mas as tentativas do imperialismo agressivo de reviver o fascismo estão hoje mais vivas do que nunca. E não é surpreendente que não se tenha feito nada, pela burguesia, para liquidar ideologicamente essas visões de mundo que precederam o fascismo, que o prepararam. Ao contrário, vemos que essas visões de mundo estão se espalhando imperturbavelmente em escala mundial, que gozam de pleno apoio, pode-se dizer, de todos os matizes da burguesia. O sucesso mundial do existencialismo mostra que esse ponto de vista não produziu na sociedade burguesa qualquer alteração essencial. E a política da “terceira via”, que os existencialistas seguiram, no início, contra De Gaulle, mostra claramente que o papel social atribuído ao novo niilismo não se diferencia essencialmente do antigo.

Essa situação, com razão, obriga-nos a travar a luta mais aberta contra essas visões de mundo, mesmo que temporariamente elas não manifestem tendências abertamente reacionárias. Em nossos dias, de fato, iniciou-se uma virada decisiva, mesmo no terreno da visão de mundo. A política do imperialismo conduz cada vez mais a humanidade ao novo abismo da guerra

mundial. Não é por acaso que a reação a essa política, pela intelectualidade pensante, como reação imediata, restrinja-se ao primeiro passo, ao niilismo, à ausência de perspectiva. A política dos trabalhadores, pelo contrário, indica tanto aos povos como aos indivíduos a perspectiva da paz, do trabalho e da libertação. A consequência dessa política da nova ordem social emergente deve, evidentemente, ser, mesmo no seio da intelectualidade, o vínculo saldável entre visão de mundo e realidade. O movimento popular não apela à passividade, à credulidade, ao desespero dos homens; ao contrário, espera que eles esclareçam, sóbria e conscientemente, sua própria situação, seus objetivos e aspirações e os transformem em realidade pela via da ação consciente.

A realidade não é, portanto, para os homens, um caos estranho e hostil, mas uma lareira a ser construída.

As duas visões de mundo encontram-se, uma em relação a outra, em oposição inconciliável. Tanto são úteis, à burguesia imperialista, a ausência de perspectiva, o niilismo e a ideologia do desespero das visões de mundo modernas, que agem de forma nociva na visão de mundo dos povos que se libertam. É, pois, uma tarefa ideológica urgente liquidar radicalmente do plano das ideias as visões de mundo da burguesia. Não apenas para aniquilar a arma de reserva ideológica, a quinta coluna do fascismo, que poderia eventualmente aparecer, mas também para devolver a inteligência, perdida ao imperialismo, ao seu lugar de pertencimento: ao lado da classe trabalhadora e dos partidários que constroem o novo mundo.